



## ACÇÕES AFIRMATIVAS DE INGRESSO: FRONTEIRAS ÉTNICAS, PROJETOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS/DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA UNIFESSPA

*Marcos Antonio Silva dos Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** A partir das Ações Afirmativas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) para o ingresso de quilombolas nos cursos de graduação, pretendeu-se analisar neste artigo de que forma as relações inter-étnicas se configuram na Universidade a partir das categorias de Fronteira utilizada por Barth (2011) e Projeto (VELHO, 2003). Também, como ela é representada pelas/pelos estudantes quilombolas e suas famílias no processo de auto reconhecimento e afirmação da identidade quilombola. Foi-se utilizado a metodologia de pesquisa-participante, com sete entrevistas semi-estruturadas com quilombolas de variadas graduações. Como umas das conclusões, identificamos a “cooperação comunitária” como uma das principais direcionadoras da trajetória universitária, porque ativa justamente as noções de solidariedade e pertencimento étnico entre as/os estudantes, sua família e as comunidade quilombolas.

**Palavras-chave:** Fricções étnicas; Projeto; Representações Sociais.

### AFFIRMATIVE ACTIONS OF ENTRY: ETHNIC BORDERS, PROJECTS AND SOCIAL REPRESENTATIONS OF QUILOMBOLA STUDENTS AT UNIFESSPA

**Abstract:** From the Affirmative Actions of the Federal University of Pará's South and Southeastern (Unifesspa) to the entry of quilombolas in undergraduate courses, this article intends to analyze how inter-ethnic relations are configured in the University from the categories of Border used by Barth (2011) and Project (VELHO, 2003). Also, as it is represented by the quilombola students and their families in the process of self-recognition and affirmation of the quilombola identity. The research-participant methodology was used, with seven semi-structured interviews with quilombolas of varying degrees. As one of the conclusions, we identify "community cooperation" as one of the main drivers of university trajectory, because it activates precisely the notions of solidarity and ethnic belonging between the students, their family and the quilombola communities.

**Keywords:** Ethnic frictions; Project; Social Representations

### ACTIONS AFFIRMATIVES D'ENTRÉE: FRONTIÈRES ETHNIQUES, PROJETS ET REPRÉSENTATIONS SOCIALES DES ÉLÈVES MARRONNES DANS L'UNIFESSPA

**Résumé:** A partir des Actions Affirmatives de l'Université Fédérale du Sud et du Sud-Est du Pará (Unifesspa) pour l'entrée des marronnes dans les cours de premier cycle, il s'était prévu d'analyser dans cet article comment les relations interethniques sont configurées dans l'Université à partir des catégories de Frontier utilisées par Barth (2011) et Project (VELHO, 2003). Aussi, comme il est représenté par les élèves marronnes et leurs familles dans le processus de auto reconnaissance et l'affirmation de l'identité marronne. On s'était utilisé la méthodologie de recherche-participant, avec sept entretiens semi-structurés avec des marronnes

---

<sup>1</sup> Professor/Educador da disciplina de História e Sociologia no projeto de extensão Cursinho Popular: Movimento de Educação Popular (UNIFESSPA). Pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - NUMBUNTU (UNIFESSPA). E-mail [mrc7santos@gmail.com](mailto:mrc7santos@gmail.com)

de rangs variés. Comme une des conclusions, nous identifions la «coopération communautaire» comme l'un des principaux moteurs de la trajectoire universitaire, parce qu'il active précisément les notions de solidarité et d'appartenance ethnique entre les étudiants, leur famille et les communautés marronnes.

**Mots-clés:** Frictions ethniques; Projet; Représentations sociales.

### **ACCIONES AFIRMATIVAS DE INGRESO: FRONTERAS ÉTNICAS, PROYECTOS Y REPRESENTACIONES SOCIALES DE LOS ESTUDIANTES QUILOMBOLAS EN UNIFESSPA**

**Resumen:** A partir de las Acciones Afirmativas de la Universidad Federal del Sur y Sureste del Pará (Unifesspa) para el ingreso de quilombolas en los cursos de graduación, se pretendió analizar en este artículo de qué forma las relaciones interétnicas se configuran en la Universidad a partir de las categorías de Frontera utilizada por Barth (2011) y Proyecto (VELHO, 2003). También, como ella es representada por las/los estudiantes quilombolas y sus familias en el proceso de auto reconocimiento y afirmación de la identidad quilombola. Se utilizó la metodología de investigación-participante, con siete entrevistas semi estructuradas con quilombolas de variadas graduaciones. Como una de las conclusiones, identificamos la "cooperación comunitaria" como una de las principales direccionadoras de la trayectoria universitaria, porque activa justamente las nociones de solidaridad y pertenencia étnica entre los estudiantes, su familia y las comunidades quilombolas.

**Palabras-clave:** Tensión étnica; Proyecto; Representaciones Sociales.

### **INTRODUÇÃO**

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), é uma das Universidades Federais paraenses que realiza o chamado Processo Seletivo Especial (Pse) para estudantes quilombolas. Tal medida se caracteriza como importante medida de Ação Afirmativa, uma vez que contribui com a entrada com estudantes quilombolas de diversas comunidades do estado nos cursos de graduação ofertados pela Instituição. Tendo em vista as trajetórias universitárias das/dos estudantes quilombolas da Unifesspa, pretendeu-se analisar neste artigo de que forma suas noções de pertença étnica evidenciam-se e colaboram na construção dos seus Projetos e Representações Sociais no ambiente universitário.

Tendo como justificativa de pesquisa, a necessidade de se discutir as relações etnicorraciais na academia e nos setores influenciados por ela, porque as conclusões geradas durante o processo de finalização nas investigações científicas, são formas de reafirmação um determinado dado histórico. A produção acadêmica é uma das estratégias que devem ser utilizadas pelos movimentos sociais, como auxiliadora na



transformação da realidade a favor dos grupos marginalizados ou ideologicamente minoritários.

Foi-se utilizado como recurso metodológico a pesquisa-participante, com técnica de entrevistas semi-estruturadas. Ao todo, sete estudantes quilombolas de diferentes cursos de graduação concordaram em protagonizar a pesquisa, sendo que as conversas gravadas e transcritas desenvolveram-se em torno de temas como as comunidades quilombolas das/dos estudantes, trajetória escolar e ambiente universitário e as relações vividas em sala de aula. Além das conversas formais, caracterizadas pela gravação de áudio, as interações com as/os quilombolas sem auxílio de roteiro pré-estabelecido, foram importantes auxiliadoras na interpretação da realidade do grupo.

### AS FRICÇÕES E DELIMITAÇÕES DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS

De acordo com Barth (2011), as fronteiras étnicas são criadas e mantidas através das negociações entre os diferentes grupos, onde os chamados fatores diacríticos, que marcam as diferenças, podem ser ou não ativados a partir das escolhas do grupo. Nesse momento, o lugar do “outro” e o lugar do “nós” é demarcado pela semelhança e dessemelhança. Estudar e identificar os elementos culturais das/dos quilombolas na Universidade é importante porque as características que englobam as/os personagens num mesmo grupo étnico se manifestam durante a fricção, ou seja, durante o contato, e não no isolamento geográfico, de acordo com o autor. Elas são construídas cultural e socialmente, fazendo com que exista uma relação de inclusão e exclusão, bem como de limites sociais entre um e outro. Tais interações que se dão em sociedades chamadas pelo autor de “poliétnicas”, levam os atores e atrizes sociais englobados/as pelas características comuns a se auto-identificarem e as/os demais como iguais ou não, são responsáveis pela manutenção das fronteiras.

Uma das hipóteses que surgiram durante o levantamento bibliográfico para elaboração deste texto e primeiras entrevistas como as/os quilombolas da Unifesspa, foi a de que se elas/eles não se autodeclarassem como pertencentes ao grupo durante as fricções étnicas, elas/eles passariam por estudantes não quilombolas de acordo com a sua própria vontade. Entretanto, de acordo com Barth (2011), para que os estudantes quilombolas “mudassem de identidade”, seria preciso primeiro, que o grupo no qual



desejam se identificar reconheça essa possibilidade e os aceitem entre o grupo. Depois disso, seria preciso também que a/o quilombola imergisse completamente nos padrões de sociabilidade dessa nova identidade, bem como assumisse as características diferenciadoras e englobantes. Lembrando, é evidente, da necessidade de reconhecer as fronteiras que separam os grupos étnicos e sua “nova identidade individual”. Isso é improvável, porque a história de vida das/dos estudantes quilombolas está estreitamente ligada aos seus territórios, modos de vida e de produção diferenciado com relação aos grupos não-quilombolas, envolvendo também as questões de parentesco e afinidade.

Apesar de uma possível mudança de circunstância, colocada por Barth (2011) como um dos “incentivos” para autoafirmação de outra identidade, o tempo correspondente a essa mudança não é suficiente para assimilação ao novo grupo étnico, seja qual for essa nova concepção de pertença, pois, a “identidade étnica é associada a um conjunto específico de padrões valorizativos, segue-se que existem circunstâncias em que uma tal identidade pode ser realizada com moderado sucesso e limites para além dos quais tal sucesso é impraticável” (p. 209). As noções de pertença étnica permeiam as questões de origem de cada sujeito e para se entender as motivações de autoafirmação num determinado grupo étnico, é preciso analisar todas/os as/os componentes do drama e que são anteriores ao momento histórico de referência, tendo em vista que as “categorias individuais são mais significativamente afetadas pela ação e pela interação do que pela contemplação” (p. 215).

A autoatribuição de determinada identidade social como ação política e também as interações e fricções étnicas no ambiente social, de acordo com o autor, não são influenciadas pela estratificação social, na medida em que as performances dos sujeitos não alteram a estrutura da sociedade.

Penso, que na maioria dos casos, tais situações apareceram como um resultado de eventos históricos externos; as diferenças culturais não surgiram do contexto organizacional local – trata-se, antes, de um contraste cultural preestabelecido que, colocado em conjunção com um sistema social preestabelecido, tornou-se de diversas maneiras pertinente para a vida social nesse sistema (Barth, 2011, p.217).

Conforme as observações durante as interlocuções com as/os estudantes da Unifesspa, suas relações de contato e fricção inter-étnicas com os estudantes não-quilombolas se dão com mais frequência nas salas de aula, onde geralmente as/os



próprios estudantes demarcam suas identidades individuais como social e culturalmente diferenciadas. As fronteiras étnicas entre os grupos começam a ser delimitadas, a partir das interações em torno, principalmente, das desconstruções de estereótipos criados em torno do que é uma Comunidade Quilombola e mesmo do que é ser quilombola, onde de acordo com as narrativas das/dos quilombolas, as/os alunos não entendem do que se trata.

Nesses momentos, a necessidade de citarem frases como “apesar disso [ser contemplado por um Ação Afirmativa], nós somos iguais” é muito marcante nas experiências de cada estudante que reivindica sua identidade quilombola. Também, as próprias ideias sobre as Ações Afirmativas na Universidade são criadas a partir de preconceitos, exigindo que os quilombolas reafirmem sua importância e objetivos nas suas trajetórias de vida. As “cotas”<sup>2</sup>, como se referem as/os colegas de turma, são vistas como critério de diferenciação entre os estudantes, onde mesmo frisando o seu processo de construção da noção de pertença étnica, origem, como chegaram e porque estão na mesma sala de aula, a forma de ingresso diferenciada dos quilombolas gera discussões entre os “outros”. Dentre as quais, o auxílio permanência diferenciado, que também se torna elemento diacrítico.

Por essa razão, surgem as piadas em relação aos quilombolas, baseados nas pré-concepções de que a vivência universitária para elas/eles é menos complicada do que para os “outros”, refletido em comentários como “se ela pode, porque eu não posso?” ou então “assim até eu quero ser quilombola”, ambos comentários presentes nas narrativas de Taiana, estudante de Saúde Coletiva. Isso é reflexo das confusões criadas em torno das relações raciais no Brasil e, principalmente, no que tange as comunidades quilombolas. É muito comum nas narrativas dos estudantes não-quilombolas observadas durante as conversas informais, comentários sobre a falta de conhecimento sobre os quilombolas e que se constituem como grupos etnicamente diferenciados, habitando comunidades com modos de vida diferenciados.

Uma alternativa para essas e outras dificuldades, de acordo com as/os próprias/os estudantes no *Relatório do Seminário de Políticas Afirmativas e Diversidade da Unifesspa 2016* (Fernandes et. al. 2016), seria a presença do corpo discente não-

---

<sup>2</sup> Grande parte dos estudantes quilombolas da Unifesspa ingressaram nos cursos de graduação através do Processo Seletivo Especial (PSE), realizado desde 2014.



quilombola, docente e técnico administrativo nos espaços de diálogo públicos, como as atividades de ensino, pesquisa e extensão correlatas as comunidades quilombolas. A proposição feita pelas/os participantes do “Grupo de Discussão Ações Afirmativas para Quilombolas”, coordenado pela Profa. Me. Rita de Cassia Costa, foi de que Universidade precisa criar espaços de diálogo e compartilhamento de informações sobre as “trocas de experiências entre ensino, pesquisa e extensão” (p.29), porque, desta forma, a temática quilombola será de amplo conhecimento. Isso evitaria ou remediaria os pensamentos e outras conclusões precipitadas sobre as/os quilombolas e suas comunidades tradicionais.

### **A TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA E OS PROJETOS DAS/DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS**

Projeto são os planos, expectativas, sonhos e vontades forjados pelos sujeitos com base na sua realidade, que podem ser individuais ou compartilhados e elencam informações e características referentes às identidades de cada indivíduo em interação dentro do campo de possibilidades (Leão et.al. 2011), que, por sua vez, se “trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (Velho, 2003, p.28). Em alguns momentos, de acordo com o autor, podem surgir controvérsias entre os projetos individuais e compartilhados dentro de um mesmo grupo, por qualquer mudança no ambiente onde foram construídos. O projeto familiar (compartilhado) de graduação, a princípio, pode ser equivalente ao projeto de cada estudante. Mas, a partir do momento em que a aprovação no vestibular acontece e as/os estudantes se deparam com outra realidade, os projetos podem se alterar conforme o campo de possibilidades “em função de interações e experiências inéditas” (Velho, 2003, p. 47). Essa alteração de plano pode variar entre migração de curso ou até desistência da trajetória universitária, conforme a intenção das/dos quilombolas.

De acordo com suas narrativas, os primeiros momentos na Universidade tornam-se difíceis por três motivos principais: 1) o processo de mudança para a cidade de Marabá exige uma nova residência, já que as antigas ficam a quilômetros de distância. Essa busca se dificulta na medida em que a/o estudante conhece poucas pessoas na cidade, tendo em vista que para grande parte, a participação no Pse é a primeira vez que

estiveram ali. Durante a realização da prova, as/os candidatas/os fazem acordos entre si para dividir uma mesma casa, como aconteceu com Sousa, de Umarizal e Lima<sup>3</sup>, de Nova Jutai<sup>4</sup>. Esse acordo de cooperação pode acontecer também após a divulgação do resultado final do Pse, quando as/os estudantes mudam-se de fato; 2) Marabá é considerada pelas/os estudantes como uma cidade onde o custo de vida é elevado, fazendo com que os preços da comida, transporte e aluguel despendem de boa parte da sua renda individual, do grupo ocupante da nova residência ou da família nuclear<sup>5</sup> e extensa que continua nas comunidades quilombolas ou nas cidades próximas delas, conforme as condições apresentadas pelo meio; 3) a única fonte de renda das/dos estudantes é o dinheiro que suas mães, pais e outros parentes, enviam com certa regularidade, dependendo das condições de cada grupo familiar. Somente depois de alguns meses o processo de solicitação da Bolsa Permanência é concretizado e as/os quilombolas começam então a receber um complemento na renda, que ainda assim, não é capaz de proporcionar momentos de lazer<sup>6</sup> e acesso a outros pontos da cidade que exijam grande quantia de dinheiro para locomoção.

Nessas condições, o apoio financeiro da família é um dos principais meios de colaboração na execução dos projetos universitários, porque ao menos no início da trajetória, grande parte das/dos estudantes não possuem fonte de renda individual<sup>7</sup>. O “apoio afetivo” (Baia, entrevista, 2017) também é citado nas narrativas das/dos quilombolas como fundamental para a trajetória universitária, agindo como como motivação e inspiração ativando sentimentos humanos de orgulho e fatores sociais como “vontade de estudar e ser alguém importante” (Souza, entrevista, 2015). De acordo com a mesma estudante, os familiares

---

<sup>3</sup> Esta forma de menção as/aos estudantes foi escolhida pelo autor como estratégia de nivelar suas contribuições às referências teóricas, acreditando que as/os entrevistadas/dos são parte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. A mesma medida foi utilizada no item “referências bibliográficas”, discriminando a natureza de cada uma.

<sup>4</sup> Ambas são comunidades quilombolas paraenses, localizadas na região do Baixo-Tocantins, Sudeste do estado.

<sup>5</sup> Termo utilizado por Fonseca (2005) ao se referir aos parentes ascendentes e descendentes próximos como mães e pais e filhas e filhos.

<sup>6</sup> Quando aparece em algumas narrativas das/dos estudantes, refere-se aos momentos de descanso e recreação, independentemente se é na comunidade quilombola ou na cidade.

<sup>7</sup> As/os quilombolas, tem direito a uma Bolsa Permanência concedida pelo Ministério da Educação por meio das Universidades. Entretanto, o tempo médio até que recebam a primeira parcela do auxílio no valor de R\$ 900,00 mensais é de três meses.



sempre falam: é difícil, mas é o meio que eu tenho para ter uma vida melhor né? Para conseguir um trabalho, um emprego melhor futuramente. Então eles apoiam, sempre dão força para continuar e eu não desistir.

Os grupos familiares, assim como as/os estudantes quilombolas, acreditam que a Universidade é um dos principais meios facilitadores da busca por emprego e entrada no mercado de trabalho e, desta forma, de “ter um futuro bom” através dos estudos. Ainda segundo Souza, estudante de Engenharia da Computação, algumas profissões têm menores demandas de trabalhadoras/es disponíveis no mercado, que dificulta o desemprego e aumenta o salário por conta da relação de oferta/procura. Pensando nisso, as famílias dessas/desses quilombolas projetam e incentivam a formação do estudante nas áreas do conhecimento onde essas características são identificadas. De acordo com ela, esses são um dos motivos de escolha da sua graduação:

[...] o que me incentivou a ficar mais nesse curso foi a minha mãe, porque falaram pra ela que nessa área tem muita... muita demanda... tá carente de pessoas, sabe, para emprego. Ai foi isso que incentivou ela a me incentivar. Ela me incentivou, porque eu não queria. Eu ia começar, mas eu ia fazer outro processo para tentar passar pra Odonto, mas só que a mamãe ficou me falando, ficou me incentivando, falando isso, falando aquilo e eu falei: ‘está bem, vou tentar’. [...] A mamãe falou isso, mas ela disse: ‘tu tenta, mas se tu não gostar, tu tenta para Odonto também’. [...] Eu com medo de perder a vaga [de Eng.] e não passar pra Odonto, comecei a cursar [...]. Foi por isso também, porque o meu medo também era o de cortar. De cortarem esse processo seletivo, sabe? Por causa que a Dilma está cortando tudo. Ai eu fiquei com medo de cortarem e não conseguir passar na Federal pelo Enem e ficar sem fazer nada (Souza, entrevista, 2016).

Para a família de Sena, por exemplo:

[...] eles acham porque tu tendo uma graduação tu não vai só trabalhar naquela área. Mas através dela, tu pode usar para um concurso, né. E eles acham importante devido a isso. Porque tu não vai se formar pra trabalhar somente naquilo [área específica], tu pode usar pra trabalhar em outras coisas. Essa a importância que eles veem nisso.

Marcos: eles falam o que geralmente?

Sena: eles falam: ‘ah, minha filha, estuda pra tu ter um futuro bom’, não sei o que [...] (entrevista, 2016)

Voltando a família de Sousa:





Eles têm orgulho [risos]. É porque eu tenho... o meu irmão mais velho ele não quer nada. Porque a maioria da minha família, sabe, eles não tem aquele incentivo de estudar, aquele vontade de estudar, sabe? Vontade de ir pra uma Universidade, de sair de lá formados, de ser uma pessoa importante. Não digo importante, mas que ganhe bem, assim, que dê de sustentar, sabe? Tem essa expectativa de vida. Minha mãe sempre me apoiou em sair de lá [para estudar], sabe? (entrevista, 2016)

Na comunidade quilombola de Umarizal, a única escola do território dispõe apenas do ensino modular (Fundamental e Médio), que consiste em aulas divididas em blocos sequenciais de apenas uma disciplina por vez a cada 15 dias. De acordo com as/os estudantes, isso fragiliza o ensino-aprendizagem, porque são muitos assuntos para serem trabalhados em um intervalo de tempo curto. Isso faz com que as/os estudantes se direcionem para cidades do entorno das comunidades quilombolas, como Tucuruí, onde o ensino é regular e visto como mais “forte” (Santos, 2017). É nessa ideia de ensino “forte” que a graduação para o mercado de trabalho toma fôlego.

A perspectiva de vida representada pelas/os jovens quilombolas que cursaram apenas o Ensino Médio, não é positiva do ponto de vista econômico. Para elas/eles “ser alguém importante”, “ter uma vida melhor” e mais “digna” (*idem*), exige a continuação da trajetória escolar através do acesso ao nível superior. Desta forma, as condições de vida da rede doméstica melhorarão. Para Barros, estudante do curso de Agronomia, o “conhecimento” presente na Universidade é a chave do problema:

Também tem a questão que a gente chega pra buscar conhecimento, esse conhecimento [...]. Sem conhecimento hoje em dia na área de trabalho a gente não tem nada. Mas hoje só com o ensino médio você não consegue qualquer trabalho assim “vou buscar” se você não tiver um curso técnico, qualquer curso, você não consegue nenhum trabalho (gravação de áudio autorizado, 2017).

A vida universitária distancia as/os quilombolas não somente das famílias nucleares, mas todos ou grande parte dos rituais relacionados a ela, como os festejos religiosos e de funeral, vistos como os “sacrifícios”<sup>8</sup> de ser estudante e um mal necessário para “ser alguém importante”. Para Baia, estudante de Direito,

[...] uma coisa que a pessoa fala assim ‘ah, você tá numa federal, você tá de boa’ não sabe o que você passa dentro de casa. Não sabe o que é você tá há mais de quinhentos quilômetros da sua casa. O que é você ver acontecer alguma coisa, um festejo, alguma coisa na sua comunidade e você tá distante. Hoje

---

<sup>8</sup> Termo utilizado por algumas/alguns estudantes quilombolas.



podemos contar com a internet, podemos contar com a telecomunicação que nos ajuda, mas será que é mesma coisa? [...] ‘será que eu queria tá aqui?’ Eu queria estar lá na minha comunidade, ser feliz, estar curtindo [...] (Entrevista, 2017).

Outra diferença com relação à “cidade grande” (Souza, entrevista, 2016) percebida nas narrativas, é sobre a concepção do tempo construído entre a comunidade acadêmica, estreitamente guiada pelo calendário decidido a cada novo semestre letivo pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe). O calendário, que exige cumprimento das datas e metas referentes ao ensino/aprendizagem em sala de aula e todas as outras atividades, faz com o que as/os estudantes se condicionem às exigências guiadas por ele, como elaboração de trabalhos escritos, resolução de exercícios e leitura de textos científicos, sendo uma das principais dificuldades apresentadas pelas/pelos quilombolas. O tempo Universitário é cronometrado e cada etapa ou atividade é decidida com meses de antecedência, diferentemente do tempo construído nas comunidades quilombolas, que segundo Barros, as interações entre as/os moradoras/es fazem parte de um cenário próprio, onde

[...] as crianças das comunidades, tanto faz indígenas ou quilombolas, elas não tem uma aprendizagem assim, de viver... a criança da cidade, ela já vai tendo uma base do que ela quer para o futuro. A criança quilombola não, ela vive sem pensar no amanhã, apenas pelo prazer de viver, ela fica brincando, correndo de um lado para o outro. [...] a gente não tem essa preocupação com o amanhã. A gente quer saber do hoje, a nossa brincadeira hoje (gravação de áudio autorizado, 2017).

As brincadeiras são as formas de aprendizagem das crianças, logo, a forma de aprender das/dos estudantes quilombolas também é diferenciada. Em contrapartida ao cotidiano dos quilombolas e de suas famílias nas comunidades, onde grande parte das preocupações são construídas no presente ou no futuro próximo, o tempo construído na Universidade faz com que as/os quilombolas pensem o “amanhã” no “hoje”, pois esse “novo tempo” tem data de início e de término.

na brincadeira, na brincadeira, vai pegar comida, a gente vai alegre, feliz com aquela... ‘ah, a gente tem que ir pra faculdade’ não, se a gente vai pra roça, vai com alegria; se a gente vai pra qualquer lugar vai naquela felicidade porque a gente tá vivendo sem preocupações com o amanhã. Hoje [depois do ingresso na graduação] um colega chega e pergunta ‘e aí cara, como é que tá?’ e é só dor de cabeça, trabalho, muita confusão. Eu chego lá com a galera que é quilombola, a gente tem um grupo pra negócio de bola ‘bora bater uma bola?’ Não tem tempo, nunca tem tempo pra nada. Só pensa só em trabalho. Então é basicamente



assim, a gente tem esse conhecimento lá, não tem preocupação como o amanhã. Depois que eu passei pra universidade eu vim conhecer esse mundo de preocupações, de tanta dor de cabeça, que não é mentira não. Eu tive dor de cabeça que eu nunca tive na minha vida de tanto estudo. Universitário é o sonho de muitos, mas realmente tá buscando essa escolha. (idem, 2017)

Os tipos de brincadeira são alterados conforme sua mudança para as cidades e a iniciação e continuação nos espaços de sociabilidade e interação social, como a feitura de roça, pesca ou participação nos festejos, desenvolvia-se de acordo com a proximidade dos quilombos, que podem acompanhar ou não o avanço das/dos quilombolas na trajetória escolar. Isso depende das disposições de cada escola e onde ela está inserida, onde o aluno terá condições de participar das atividades de seu interesse ou do grupo. Quanto mais próxima da comunidade, mais próximo do cotidiano e dos costumes locais ela/ele estará. Na maioria dos casos, as/os estudantes precisam sair de suas casas para iniciar e concluir o Ensino Médio nas cidades mais próximas, onde encontram costumes e um cenário diferentes do seu, como a “pressão do Enem”, ligada com a formação universitária. Sousa, estudou no que denomina de escola de “crente”, liderado por “irmãs” onde podemos supor a existência de elementos presentes no cotidiano da escola peculiares em relação a uma escola não religiosa e que nos quais era submetida.

Assim, eu.. eu desde o ensino fundamental e não fu aquela aluna, sabe, de pegar e estudar eu só era estudar pra passar, entendeu? Só estudar para passar eu não estudava muito ai eu não participava. No ensino médio que eu fiquei com mais amigos, porque eu morava lá, né, ai eu participava das coisas... e jogava bola, jogava vôlei a tarde... tinha (Sousa, entrevista, 2016).

Mas, durante a graduação o cenário é outro. Durante uma visita do Programa de Acolhimento<sup>9</sup> à comunidade de Umarizal, saímos da cidade de Marabá por volta de 8 h da manhã e chegamos entre meio dia e 14 horas na cidade de Tucuruí (PA), a 120 km da comunidade. A estrada não possui asfaltamento a partir daí, o que torna a viagem mais cansativa. Segundo as narrativas das/dos estudantes, o deslocamento dura em média um dia inteiro, quando o ônibus não quebra ou quando não está no período de chuva, porque é mais fácil atolar na lama. Com todas essas dificuldades, além do desgaste físico, os gastos com alimentação e outras necessidades aumentam, pois o intervalo de

<sup>9</sup> Projeto de Extensão ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEX) da Unifesspa, que tinha objetivo de perceber os assuntos relacionados a permanência das/dos estudantes quilombolas da Universidade e onde o autor esteve vinculado durante o período entre 2015 e 2016.



tempo é maior e a viagens regulares não são vistas como vantajosas. Ainda mais, se custo for relacionado com as atividades curriculares das graduações, considerando a relação entre o dinheiro gasto no trajeto contra o tempo de visita à comunidade.

Durante o último recesso da Unifesspa entre os períodos letivos 2016.4 (julho a Maio) e 2017.2 (Maio a Setembro) para os cursos regulares e 2017.1 e 2017.4 para os cursos intervalares, encontrei com uma estudante de Umarizal nos corredores da Unifesspa, onde iniciei uma conversa breve sobre como aproveitaria o seu recesso. Em resposta e com um leve tom de desânimo, disse que ficaria em Marabá porque o preço da viagem é elevado e não “vale a pena” gastar o dinheiro tendo em vista a pouca quantidade de dias de paragem nas aulas, equivalente a sete<sup>10</sup>. Além períodos de férias oficiais, os intervalos de dias mais longos que poderiam ser utilizados para visita familiar são apenas os finais de semana. Contudo, o mesmo problema encontrado pela estudante de Umarizal com relação ao tempo e custo, é percebido por Sena, da comunidade do Rio Acaraqui (PA), nordeste do estado:

[...] eu não estou viajando muito porque tem, por exemplo, tem o final de semana para viajar, só que muitas vezes não dá não tenho dinheiro para ir e voltar, que é 120 [reais] só de passagem. Ai eu não vou gastar esse dinheiro, sendo que eu ainda vou ter que voltar e ter mais despesas aqui. Ai eu não estou viajando muito.

A distância entre as comunidades quilombolas e a Universidade não é um dos fatores mais importantes na construção dos projetos das/dos estudantes. As instituições particulares, mesmo que próximas das comunidades quilombolas, são desconsideradas nesse processo, porque as condições financeiras das famílias não conseguem suprir as despesas com as mensalidades, fazendo com que a relação custo/benefício não seja atrativa. Além disso, não são embutidas de *status* pelas/pelos estudantes e quando as graduações hierarquizadas nas suas concepções, mesmo tratando-se de Universidades públicas, a proximidade pouco demarca seus projetos. Quando perguntei sobre o *campi* de Baião da Ufpa para Sousa, de Umarizal, e porque ela não se interessou em se inscrever naquele Pse, sua resposta foi “porque lá só [...] [tem] curso que eu não em

---

<sup>10</sup> O atraso no calendário acadêmico se deu por conta dos recentes movimentos de ocupação estudantil da Unidade I da Universidade e greve geral de professores contra a aprovação da PEC 241, transformada em PEC 55 quando seguiu para o Senado Federal. O intervalo de início da ocupação, início da greve, fim da ocupação e fim da greve corresponde a cerca 65 dias.



interessava, tipo Geografia, História... esses cursos não me interessavam eu queria coisa grande [...] eu queria mesmo era Ondonto” (Sousa, entrevista, 2016).

Os Projetos de graduação são pensados principalmente a partir da lógica do prestígio e privilégio social, fazendo com o que alguns cursos tenham maiores demandas de inscritas/os nos concursos vestibular universal e Pse. Isso não quer dizer, decerto, que todas/os as/os estudantes tem os mesmos objetivos, pois, em menores quantidades, cursos de baixo prestígio também recebem inscrições. A licenciatura em Pedagogia, a título de exemplo, teve a mesma demanda de procura do bacharelado em Direito no Pse de 2014 (Santos e Luiz, 2015).

Além da valorização social dada a determinados cursos por conta das projeções de salários elevados ou pelo prestígio da profissão, se a graduação estiver embutida do *status* de *ser* estudante de uma Universidade Federal, presente nas ideias descritivas das trajetórias universitárias enquanto atos de bravura, porque é “difícil de entrar e muito mais difícil de sair” (Barros, gravação de áudio autorizado, 2017), pode-se identificar o motivo pelo qual as universidades privadas são desconsideradas. De acordo com esse trecho, a demanda de inscrições dificulta a entrada das/dos quilombolas e o ambiente universitário complica suas trajetórias, ao contrário das privadas, onde entra quem tem mais dinheiro. Os dados observados no edital de apresentação de demanda de inscritas/os no Pse da Unifesspa de 2014, concordam com o exposto pelo estudante quando identificamos Direito, Engenharia Mecânica, Psicologia e Pedagogia com as maiores demandas, enquanto outras graduações não receberam inscrições (licenciaturas em maioria).

A Universidade Federal do Pará (Ufpa), por ser mais antiga, conhecida e ofertar cursos como Medicina e Odontologia, (dado percebido nas interlocuções com os estudantes quilombolas e nos editais de seleção da Instituição), é mais procurada se comparada as demais Universidades paraenses menores e mais recentes em termos de criação. Estas, são tidas como segunda alternativa e somente quando a possibilidade de aprovação é comparada com a quantidade de inscrições em cada curso. O edital do Pse de 2014 da Ufpa, apresenta o curso de Medicina com 54 inscritas/os para cada uma vaga. Como são acrescentadas duas vagas em cada vestibular, o total de quilombolas a se candidatarem para o curso em 2014 foi de 108 pessoas. No curso de Odontologia – Matutino, por sua vez, foram 38 inscrições ao todo.



Sena, estudante de Saúde Coletiva, se inscreveu no Pse da Unifesspa depois de ter feito o da Ufpa e planejando a transferência para o curso de Medicina em Marabá, com início das aulas previsto para 2017. Menezes, estudante de História, foi reprovado na seleção para o curso de Enfermagem da Ufpa “devido pra lá a concorrência ser muito maior para quilombolas também, e foi mais difícil. Eu tentei, só que eu fiquei em quinto [lugar] e só eram duas vagas” (entrevista, 2017).

### A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE

O universo acadêmico volta-se em grande medida apenas para o espaço de sala de aula, onde, as/os professores se preocupam apenas com os conteúdos que precisam ser transmitidos, pois é assim que o corpo docente enxerga a Universidade. Nesse processo, existe pouco tempo para observação das diferenças entre as/os alunos. A/O professor não consegue ou não se interessa em saber quem são e de onde o corpo discente vem.

O importante é transmitir o que foi aprendido durante os anos de formação acadêmica, seja em Mestrados ou Doutorados. *Nós* estamos acostumados a perceber os professores como únicos possuidores de saber na relação aluno/professor, por causa dos níveis mais altos de especialização. Como esse costume é de difícil dissolução por resistência da estrutura da Universidade, além da sua representação como meio de mobilidade social, essa característica “conteudista” também perpassa as narrativas das/dos estudantes quilombolas, sendo espaço que proporciona boas aulas, professores bons e carreira profissional.

os professores são ótimos, as aulas são boas. Eu gosto da universidade, tipo eu ainda não fui no núcleo, assim, para saber o que acontece aqui, tipo, eu só conheço tudo do meu curso, mas eu não conheço o que acontece aqui na universidade, mas o que eu esperava era isso. Era aulas, era trabalhos, era professores eficientes, que eu tenho ótimos professores bem formados. É isso (Souza, 2017).

Em poucos momentos as/os professores se interessaram em unir seus conhecimentos prévios aos das/dos estudantes quilombolas nas relações em sala de aula. Isso porque, em conformidade a Passos; Rodrigues e da Cruz (2016), o currículo enquanto área do conhecimento funciona a partir de quais conhecimentos são levados em consideração durante o ensino e aprendizagem, sendo considerados nessas escolhas



elementos culturais e de poder. Apenas Baia (Direito) e a Sena (Saúde Coletiva) se referiam a essas situações como espaços de discussão sobre as suas comunidades quilombolas e o que elas já conheciam até aquele ponto. Taiana se sentiu instigada a se pronunciar quando o assunto discutido foi saneamento básico, usando como exemplo seu lugar de origem. Na comunidade Rio Acaraqui (PA), o esgoto é a céu aberto e o lixo é todo direcionado para o rio que abastece as/os moradores com água e alimento.

Além dos riscos de contaminação da população e surgimentos de doenças, como diarreias, os peixes que antes eram capturados nas beiras do rio, agora se afastam para o meio por causa dos rejeitos. Isso dificulta a pesca e afeta a alimentação das pessoas, contribuindo ainda mais com os processos fragilidade em questões de saúde. Já Baia lembrou de uma atividade avaliativa aplicada por uma das professoras da Faculdade de História da Unifesspa que leciona no curso de Direito. A proposta era para elaboração de relato da sua experiência e de uma colega indígena nas suas respectivas comunidades tradicionais. Nos outros cursos, a/o aluno tem que “dançar conforme a música [...]”, (trecho de conversa informal como uma quilombola). De acordo com Baia, os procedimentos adotados pela professora deram-se da seguinte forma:

ela pegou e colocou assim, não, passou um artigo avaliativo, valendo metade da nota. ‘Só que Paula e roto, eu quero um artigo de vocês da comunidade onde vocês moram, da vivência de vocês e como é chegar aqui na universidade.’ Então ela nos cobrou isso. A temática, de dizer de onde veio, o porquê que [...]. Mas no terceiro semestre que estou agora, ela foi a única que fez isso... pra querer saber. O professor só chega, conteúdo, conteúdo, conteúdo e nada. Eles só querem saber se você vai tirar a nota. Se você não conseguiu você vai pegar o seu insuficiente. Mas ai não olha ‘será que essa pessoa foi adaptada pra isso? Será que ela já teve algum contato?’ (Baia, 2017).

Por esse motivo, as lideranças das comunidades quilombolas, mesmo não se fazendo presentes junto a Unifesspa, reivindicam do Estado o direito à educação quilombola, por onde perpassam o reconhecimento da história e das contribuições das pessoas negras e de seus agrupamentos para história do Brasil e para a produção de conhecimento (Soares, 2012). Aprender os conteúdos programáticos seguindo a lógica das vivências e das próprias regras do grupo contribuem para continuação do conhecimento e dos costumes, tendo como referência a ideia de que a própria Universidade é produto e reflexo de onde ela está inserida.

Ao contrário disso, uma série de estereótipos acerca das/dos estudantes quilombolas são percebidos na universidade e, em alguns casos, nas suas próprias

narrativas. Na sua maioria, com relação ao período escravocrata brasileiro, onde os negros e negras foram transformados em coisas. O termo “escravo” ainda é visto como intrínseco aos indivíduos e às comunidades quilombolas, sendo que a existência do Pse é a justificada e resumida nesse histórico de violência, especificamente correspondente ao período citado. Quando Lima foi questionada se sente-se valorizada na Universidade, sua resposta foi seguinte:

não, assim. Sim. Sim, porque eles são tipo agora meio que reconhecendo os quilombolas que no caso, nós somos descendentes de escravos, então hoje em dia na universidade está sendo reconhecido todo o trabalho que eles tiveram antes. Estão tendo mais oportunidades de entrar pra uma Universidade, de ter sucesso, de ter uma vida diferente do que eles tiveram, que é de trabalhar de escravo nos outros. Então, sim, nessa parte eu me senti valorizada (Entrevista, 2016).

A entrada no Ensino Superior como projeto de mobilidade social através do Pse, é uma das formas de reconhecimento e reparação, pois significa “[...] ter sucesso, [...] ter uma vida diferente do que eles tiveram, que é de trabalhar de escravo nos outros” (Souza, entrevista, 2016). Esse dado, pode justificar algumas narrativas dos estudantes quilombolas onde a vida na comunidade quilombola é vista como “mediocre”<sup>11</sup>, pois está estreitamente ligada ao trabalho braçal. Durante as observações, também ouvi várias vezes estudantes não-quilombolas me perguntarem sobre as/os quilombolas com seguinte frase: “é descendente de escravo?”, demonstrando como são profundas as marcas do escravismo brasileiro e que a formação escolar baseada em padrões eurocêntricos está presente em muitos lugares, sejam eles do “interior” ou da “cidade grande”.

Essa naturalização das/dos negras/os a coisas é reforçada principalmente pelos livros didáticos das escolas, onde o negro é representado quase sempre em posição de subalternidade com relação ao branco, fazendo com o que continue presente no conhecimento comum a imagem depreciativa dos negros e negras africanas ligadas ao trabalho braçal e aos castigos físicos (Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003). A Universidade, de acordo com as/os quilombolas, reconhece as diferenças nas trajetórias escolares entre

---

<sup>11</sup> Na primeira entrevista como Sousa, Lima e uma estudante quilombola de Saúde Coletiva que morava com as duas, esta usou esse termo para relatar o estilo de vida da comunidade Nova Jutáí, onde morava antes de vir para Marabá. As outras participantes concordaram e na entrevista seguinte, Sousa, voltou a usar o termo.

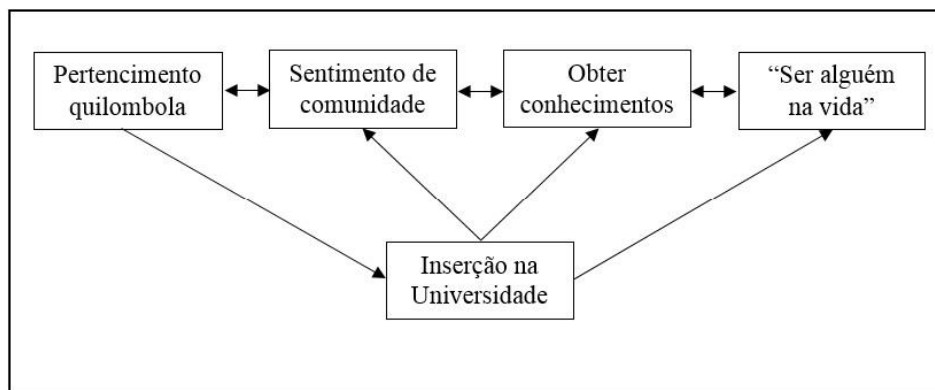




uma pessoa que teve um ensino regular e uma que não teve. E por conta disso, cria as Ações Afirmativas (Pse) como forma de valorização, porque está-se levando em consideração as dificuldades anteriores ao ingresso que tanto indígenas<sup>12</sup> quanto quilombolas enfrentam nas suas trajetórias.

De acordo com as narrativas, a Universidade é única forma possível para ascensão social e não concebem as comunidades quilombolas como lugares que podem proporcionar algum tipo de lazer. O trabalho no campo, bem como as atividades destinadas às mulheres são vistas negativamente. Continuar vivendo nas comunidades quilombolas sem um projeto de curso de graduação significa, para elas, caçar, pescar e ser mãe. Assim, as condições do presente, não correspondem as suas projeções de vida, principalmente entre os quilombolas mais jovens. Suas avós, avôs, mães e pais podem estar inseridos e habituados ao cotidiano das comunidades quilombolas ligados ao trabalho com a agricultura, pesca e pecuária. Entretanto, eles/elas não veem com positividade a possibilidade de seus filhos e filhas seguirem esse caminho, colocando nos “estudos” todos os esforços possíveis.

**Ilustração 1.** Relação entre os estudantes quilombolas, suas comunidades e projetos de vida



Fonte: Elaboração feita pelo autor.

Conforme a Ilustração 01, podemos perceber que uma/um estudante pode, simultaneamente, representar a Universidade como uma possibilidade de mobilidade

<sup>12</sup> O uso do termo “indígenas” e não “etnias indígenas”, não foi usada com objetivo generalizante dos povos indígenas, mas escrito conforme as narrativas dos estudantes quilombolas, que não diferenciam determinada etnia indígena como possuidora de experiências mais próximas, mas sim que “os indígenas” passam por experiências próximas das “deles”.



social, caracterizada por elas/eles por frases como “Ser alguém na vida” e cooperar com suas comunidades quilombolas da maneira que melhor lhe couber, de acordo com a graduação escolhida. A cooperação comunitária, também envolve o que as/os estudantes caracterizam como “desenvolvimento” das/dos moradores, que pode ser através do repasse de informações pertinentes as suas vidas (em apoio aso meios de comunicação), questões de saúde, educação de infraestrutura, como a construção de prédios e casas. Lembrando que esse fluxo é sempre de quem é estudante da Universidade para quem é morador/moradora das comunidades quilombolas. Para Teixeira, estudante de Eng. Civil,

foi o meu sonho e eu tenho tio que mora perto lá de casa [na comunidade quilombola] e ele sempre foi pedreiro. Ai depois que eu cresci mais, eu sempre fui ajudar ele e sempre foi o que eu quis fazer era trabalhar na parte de construção. Tem também pelo desenvolvimento lá da comunidade, tem muitas obras lá e eu tenho vontade de quando eu me formar eu voltar para poder melhorar a estrutura da minha comunidade com segurança e também é um curso que é bem remunerado. Também na questão de mudar a perspectiva da comunidade que sempre foi a de não poder entrar na Universidade. Eles já cresciam numa cena de ter que ir pra roça trabalhar, ai como eu entrei agora na Universidade, muda a perspectiva dos jovens de lá, que como eu entrei, eles podem entrar e fazer um curso que é... concorrido a engenharia civil (entrevista, 2016).

As/os estudantes relacionam “obter conhecimentos”, sentimento comunitário e inserção na Universidade, na medida em que planejam que as “coisas novas” (Menezes, 2017) aprendidas durante a trajetória universitária de alguma forma chegue aos moradores das comunidades quilombolas e suas famílias. Segundo o mesmo estudante, suas visões de mundo foram transformadas depois que começou a graduação em História, porque além de “estudo” ele vê coisas diferentes daquilo que estava habituado em Umarizal. A diferença é que na “comunidade, eles são muito, assim, machistas [...] são muito preconceituosos, tem aquela coisa da sexualidade e é uma coisa muito horrível. Aqui não [Universidade], é um lugar bastante aberto que tu pode viver que ninguém te criticar de nada” (Menezes, 2017).

Isso não quer dizer que o preconceito e o machismo não existem na Universidade, bem como todas as/os moradoras/es das comunidades quilombolas sejam machistas, tendo em vista que não existem dados para afirmar isso. Uma perspectiva parecida foi apresentada por Sena, em 2017, quando também perguntei sobre o papel da Unifesspa



na sua vida. Sua resposta girou em torno do “emponderamento”<sup>13</sup> proporcionado pelas “influências das pessoas da Universidade”, que durante as fricções, não estar emponderada significa não se manifestar com relação às piadas contra os estudantes quilombolas, onde

no início, [...] eu vi que ficar naquele meio termo ‘ah, não vou falar nada, não vou fazer isso porque eu acho que é...’ ‘o que eles vão pensar de mim?’ ‘o que vão falar de mim?’. Ai vem falar também de relação as cotas, eu já fico mais... já vou e debato também. Por ser mulher e ser negra, já fico... já debato também essas coisas. Eu já não fico calada como antes e também pretendo fazer outras coisas em relação a isso.

As “outras coisas em relação a isso”, seriam próximos dos projetos apresentados por Menezes com relação a Umarizal. Sena, deseja, ao longo da sua trajetória universitária, “levar” para comunidade Rio de Acaraqui discussões

sobre o feminismo [...]. Porque, querendo ou não, as pessoas que, que... eu quando eu estava fora da universidade, eu não tinha essa percepção de coisas que eu tenho hoje sobre negritude e sobre o feminismo. Ai eu pretendo levar isso”.

Neste sentido, as representações apresentadas pelos estudantes acompanham os objetivos das Ações Afirmativas de ingresso no Ensino Superior público, que são pois os projetos de vida dos quilombolas são construídos em torno das suas comunidades, mesmo que a prioridade seja entrar no mercado de trabalho. A mudança para a cidade para conclusão da graduação aproxima-os de melhores condições de saúde e consumo de bens, que são condições fundamentais para a dignidade humana. O PSE, assim como outras modalidades de Ação Afirmativa, proporcionou essa entrada na medida em que tornou próxima da igualdade de disputa por um emprego. De qualquer forma, essa vaga é transformadora do ambiente familiar.

---

<sup>13</sup> Para a estudante, ser emponderada “é tipo eu, alguém falar pra mim ‘ah, tu é uma negra, uma morena bonitinha... não sei o que’ e eu ‘não, eu sou negra e eu sou linda, querido””.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A persistência de preconceitos como a “incapacidade reflexiva dos negros ou indígenas”, fortalece os questionamentos sobre a presença dos estudantes quilombolas na Universidade, o que de acordo com a pesquisa, levam a entender que as experiências universitárias para as/os estudantes quilombolas são vistas como menos complicadas na perspectiva das/dos estudantes não-quilombolas, por causa das Ações Afirmativas da Unifesspa. Nos interações sociais e fricções entre os grupos étnicos, alguns das/dos estudantes quilombolas sentem a necessidade de afirmarem uma posição de igualdade em relação aos não quilombolas, para que sua presença na Universidade não seja questionada.

O acesso à Universidade, é tido também como uma progressão no processo de formação das/dos estudantes quilombolas, que inicia-se com o ensino fundamental, Médio e termina com o Ensino Superior. Essa trajetória é quesito fundamental para inserção no mercado de trabalho e quanto mais tempo dedicado aos estudos, mais oportunidades de um “bom emprego” com salários elevados terá a sua disposição. Apenas o Ensino Médio nos tempos atuais não atende suas expectativas com relação aos Projetos, sendo preciso dar continuidade na busca por “novos conhecimentos” através do curso de graduação ou de um curso técnico.

Ainda com relação a graduação, identifica-se duas visões de Universidade distintas, mas não antagônicas: uma culturalista (ou multiculturalista), baseada na ideia de uma universidade multicultural, que procura valorizar a diversidade étnico-racial, bem como as identidades individuais e coletivas presentes no ambiente universitário; e a Universidade como simples continuação da trajetória escolar, onde a conclusão do nível superior será capaz de aumentar a capacidade de consumo pessoal e familiar através da inserção no mercado de trabalho e consequente ascensão social e melhoria das condições de vida. Também, a cooperação comunitária como projeto de pós-formatura, que trata-se do “retorno” pretendido pelas/pelos quilombolas com relação às suas comunidades e famílias, que não envolvem questões diretas de empregabilidade.

Esse foi um dos pontos fundamentais da pesquisa, porque a cooperação comunitária é direcionadora das escolhas de cada curso de graduação e da trajetória Universitária das/dos quilombolas, ao mesmo tempo em que podem fazer parte do mesmo grupo. As aspirações de mobilidade social através do Nível Superior, superam a hipótese de simples



acumulação de capital financeiro, pois a nova condição social está diretamente ligada com as transformações no estilo de vida das/dos estudantes e de suas famílias, capazes de aumentar as possibilidades de lazer e acesso a bens simbólicos e materiais e que envolvem o cotidiano da comunidade quilombola como um todo.

As construções dos projetos anteriores ao ingresso se refletem nos agrupamentos criados na nova cidade, compostos prioritariamente de parentes e amigas/os aprovadas/os em edições anteriores do Pse. Desta forma, os estudantes formam pequenos redes de convivência na Universidade, transformando o cenário historicamente ocupado pelos grupos majoritários. Nesse sentido, as Ações Afirmativas são construídas enquanto importantes mecanismos de transformação da realidade social e dos grupos etnicamente minoritários, contribuindo, assim, para a transformação da estrutura social.

### REFERÊNCIAS

- BAIA, Paula de Menezes. Entrevista. [setembro, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.
- BAIA, Paula de Menezes; BARROS, Edivan. Gravação de áudio autorizado. Receptor: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POURTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- FERNANDES, Ana Paula de Sousa; SEVERO, Antônio August da Costa. PESQUISA DIAGNÓSTICO: Programa de Acolhimento Estudantil & Diversidade Indígenas e quilombolas na Unifesspa. Marabá, PA, 2017. Disponível em <[https://proex.unifesspa.edu.br/images/conteudo/proex/Editais/PESQUISA\\_DIAGNOSTICO\\_Acolhimento\\_Estudantil\\_e\\_Diversidade\\_2016.pdf](https://proex.unifesspa.edu.br/images/conteudo/proex/Editais/PESQUISA_DIAGNOSTICO_Acolhimento_Estudantil_e_Diversidade_2016.pdf)>. Acessado em 12 de setembro de 2017.
- FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*. v. 14, n.02, p. 50-59.
- LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio. *Educ. Soc.* V. 32, n. 117, 2011, p. 1067-1084.
- LIMA, Deidiane Costa. Entrevista. [março, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.
- MENEZES, Lorrán Gabriel. Entrevista. [agosto, 2017]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

PASSOS, Joana. Célia.; RODRIGUES, Tatiane Consentino.; DA CRUZ, Ana Cristina Juvenal. O impacto das ações afirmativas no currículo acadêmico do ensino superior brasileiro. *Revista da ABPN*, v. 8, n. 19, 2016, p.08-33.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, 2003 p. 125-146.

SANTOS, Marcos Antonio Silva dos; LUIZ, Janailson Macedo. Ações Afirmativas no ensino superior: Representações de estudantes quilombolas na Unifesspa. Disponível em [www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA9\\_ID11272\\_19082016152202.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA9_ID11272_19082016152202.pdf). Acessado em 29 de setembro de 2017.

SANTOS, Marcos Antonio Silva dos. O processo seletivo especial da Unifesspa para quilombolas: uma análise a partir das trajetórias universitárias, projetos de vida e representações sociais dos estudantes. TCC (Faculdade de Ciências Sociais). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA, 2017.

SENA, Taiana. Entrevista. [abril, 2016 e março, 2017]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

SOARES, Edimara Gonçalves. Educação escolar quilombola: quando a diferença é indiferente. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2012.

SOUZA, Ellen Cruz do Rosário. Entrevista. [março, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

TEIXEIRA, Vinicius Rodrigues. Entrevista. [abril, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

UFPA. Processo Seletivo Especial: demanda por curso de opção. Disponível em: <http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/pse%202014-7/demandas/Demanda%20-%20quilombola.pdf>. Acessado em 22 de setembro de 2017.

UNIFESSPA. Processo Seletivo Especial: demanda por curso de opção. Disponível em: [http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA\\_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/demanda/demandaUnifesspaPSE2014-quilombolas.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/demanda/demandaUnifesspaPSE2014-quilombolas.pdf). Acessado em 18 de setembro de 2017.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

*Recebido em setembro de 2017*  
*Aprovado em novembro de 2017*